

A VISÃO LÚCIDA: UMA LEITURA DE JOSÉ SARAMAGO A RESPEITO DA DEMOCRACIA VIGENTE.

Jacqueline Aparecida Cazarini. Rubens Pereira dos Santos.- Inter –áreas- Letras-Departamento de Literatura- Faculdade de Ciências e Letras- Campus de Assis.

Este projeto de pesquisa visa, entre outras questões, questionar a situação democrática atual, por meio da análise comparativa das obras: *Ensaio sobre a cegueira* e *Ensaio sobre a Lucidez*, as duas de autoria de José Saramago, elucidando os aspectos em comum.

José Saramago, a partir destas obras, pretende pôr em constante questionamento a democracia vigente, convidando seus leitores a refletirem acerca desta, percorrendo o trajeto que vai da cegueira à lucidez.

Em *Ensaio sobre a Cegueira* o autor procura denunciar a fragilidade de organização da atual sociedade moderna que, para ele, é visível, porém poucos conseguem enxergá-la.

Neste livro, subitamente, as personagens vão cegando uma a uma, até que toda a população da capital de um país fictício esteja completamente cega, à exceção de uma personagem.

Esta epidemia de cegueira conduz a população da cidade ao caos total, transformando-os em animais egoístas na luta pela sobrevivência, aflorando seus instintos mais ocultos.

Com isto, o romance obriga o leitor a refletir sobre as relações humanas, entre o individual e o coletivo, num novo aprendizado de vida, embora a obra mantenha-se pessimista até o fim, uma vez que seu desfecho não indica soluções, apenas questiona os sistemas, incluindo o democrático.

O autor então se utiliza da metáfora da epidemia para demonstrar que a sociedade está doente, os sistemas estão infectados e que portanto é preciso diagnosticar e curar, fazendo uma remissão à questão da saúde como ordem e à doença como desordem.

Contudo, há esperança, justamente a partir da não-cegueira da personagem “a mulher do médico” de *Ensaio sobre a cegueira* e de um policial, personagem de *Ensaio sobre a Lucidez*.

No primeiro caso a personagem surge como um fio de lucidez em meio toda desordem provocada pelo surto de cegueira, já que por ser a única a enxergar guiou seus seis companheiros conduzindo-os para a salvação, antes de a epidemia ir-se embora tão inexplicavelmente como chegara.

Já no segundo caso, a lucidez se dá por meio da personagem “comissário da polícia” que, ao longo de sua investigação policial, sofre um carismático ataque lúcido a partir de suas próprias palavras:

“Quando nascemos, quando entramos neste mundo, é como se firmássemos um pacto para toda a vida, mas pode acontecer que um dia tenhamos de nos perguntarmos. Quem assinou isto por mim, eu perguntei.”

Saramago procura mostrar que um indivíduo pode alterar completamente o rumo e o destino de toda uma sociedade. Observa-se que o autor não nomeia suas personagens, em nenhuma das duas obras aqui citadas, elas são identificadas pelas suas profissões, pelas relações de parentesco ou por traços físicos marcantes.

Esta supressão da identidade faz com que os dois romances funcionem como um espelho onde o leitor poderá mirar-se e refletir sobre seu papel, enquanto parte integrante da sociedade. Os nomes, assim como as máscaras sociais, perdem-se em um universo conduzido pelos sentidos; pode-se perceber este efeito no seguinte trecho de *Ensaio sobre a cegueira*.

Tão longe estamos do mundo que não tarda que conheçamos a não saber quem somos, nem nos lembramos sequer de dizer-nos como nos chamamos, e para que, para que iriam servir-nos os nomes, nenhum cão reconhece outro cão, ou se lhe dá a conhecer, pelos nomes que lhes foram postos, é pelo cheiro que identifica e se dá a identificar, nós aqui somos como uma outra raça de cães, conhecemo-nos pelo ladrar, pelo falar, o resto, feições, cor dos olhos, da pele, do cabelo, não conta, é como se não existisse.

A não nomeação de suas personagens atinge diretamente o leitor comprovando o que a sociologia moderna já declarava “a arte é social (...) ela produz sobre os indivíduos um efeito prático, modificando a má conduta e concepção do mundo, ou reforçando neles o sentimento dos valores sociais”.

Esta mesma população de *Ensaio sobre a Cegueira* após passar pelo surto de cegueira branca, caminhará em *Ensaio sobre a Lucidez* para uma visão lúcida, onde os eleitores, cansados da política vigente, resolvem votar em branco no decorrer de uma eleição, porém, sem nenhuma mobilização para o fato.

As autoridades ficam em pânico, acusam a população de não saberem usar seus direitos. "Se os votos estão aí é para que façamos um uso prudente deles, os direitos não são abstrações", discurso este que relembra os tempos da ditadura, totalmente anti-democrático.

Saramago denuncia as autoridades atuais no seguinte aspecto: estas se disfarçam de democracia, tornando seus eleitores vítimas-cúmplice, ou seja, se estes protestam, aqueles os acusam de estar contra a democracia.

A reação dos poderosos não poderia ser diferente, impõem um estado de sítio à cidade, sem proteção policial, e sem governantes, deixando-a entregue a si mesma. Se auto-exilam, na esperança de que com o passar do tempo, as pessoas se arrependam da ação praticada e que tudo volte ao normal. Assim, como também ocorre em *Ensaio sobre a Cegueira* onde às autoridades só sabem responder à barbárie causada pelo surto de cegueira isolando os atingidos e os largando à própria sorte.

Todavia, a população não reage agressivamente, ao contrário, o que se vê, por via de espões infiltrados, é a tranqüilidade de uma cidade sem autoridades, onde a jornada de trabalho só toma metade do dia.

Os poderosos resolvem então abolir a espera ou fazendo terrorismos, ou atacando a cidade por via dos meios de comunicação, porém sem sucesso.

É nesta visão comunista que o autor metaforiza o mundo atual, seus sistemas falidos e sociedades inconscientes transformando o voto em branco no símbolo da consciência e da resistência dos oprimidos. Os comunistas argumentam que democracias não são realmente democráticas, mas na verdade apenas uma ilusão criada pelas classes dominantes, que exercem o poder real. Na análise comunista, a classe trabalhadora nas democracias não tem um voto realmente livre, já que aquelas controlam a mídia e o público em geral já foi doutrinado pela propaganda desta.

A crítica do autor gira em torno da democracia vigente. É preciso preencher essa democracia vazia inventada pela burguesia, fazendo com que de democracia para alguns se transforme em democracia para todos.

Saramago invoca seus leitores a refletir e discutir acerca desta democracia que juntamente com o poder da mídia massificante impõem a ordem criando uma desordem.

A partir deste estudo conclui-se que a literatura está intimamente ligada à influência que esta pode exercer sobre a sociedade. Fato que ocorreu, por exemplo, nas eleições legislativas de 2004 (mesmo ano de publicação do livro *Ensaio sobre a Lucidez*), em Portugal, quando organizações apelaram ao voto em branco, aparentemente na sequência da idéia de José Saramago.

Como afirma Antonio Candido

A literatura é, pois um sistema vivo de obras agindo umas sobre as outras e sobre os leitores, e só vive na medida em que estes a vivem, decifrando-a, aceitando-a, deformando-a.

A obra não é produto fixo, unívoco ante qualquer público, nem este é passivo, homogêneo, registrando uniformemente o seu efeito. São dois termos que atuam um sobre o outro, e aos quais se junta o autor, termo inicial desse processo de circulação literária, para configurar a realidade da literatura atuando no tempo.

Referências Bibliográficas

SARAMAGO, José. *Ensaio sobre a Cegueira*. São Paulo, Companhia das Letras, 2000.

SARAMAGO, José. *Ensaio sobre a Lucidez*. São Paulo, Companhia das Letras, 2004.

SARTORI, Giovanni. *A Teoria da democracia revisitada 2-As questões clássicas*. São Paulo, Ed. Ática, 1994.

CANDIDO, Antônio. *Literatura e Sociedade: estudos de teoria e história literária*. 8ª. Edição, São Paulo, T.A. Queiroz, 2000.

